

Leandro Pessoa Vieira

Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
leopessoa.ba@gmail.com

---

# Em direção aos espaços abertos

## Resumo

Transpassando vida, Geografia e ar livre, neste artigo, busco uma hermenêutica dos espaços abertos. Posicionando Geografia, antropologia e fenomenologia em relação, objetivo o compromisso de aliar teoria à experiência para compreender o habitar urbano contemporâneo dos espaços abertos. Com Ingold (2015), adenso a noção de ar livre em direção ao habitar a cidade. No unísono da experiência, imaginação e fantasia, projeto a abertura desses espaços como possibilidade, como abrimento para o ser e para os entes, para a multiplicidade da existência. Sabendo que o processo de habitar a cidade sempre esteve intimamente vinculado a um dos inúmeros modos de habitar a Terra, é possível afirmar que a cidade não é negação da natureza. Em sentido radicalmente inverso, a cidade é, acima de tudo, emergência da terra que somos, sobretudo quando vivida nos espaços abertos. Na abertura para a liberdade do encontro com o imprevisto, com o inesperado, com os seres e com os entes, o ar livre é a passagem para a contemplação, a celebração, o cuidado e a atenção para a experiência urbana da alteridade.

**Palavras-chave:** Ar livre, Geografia, vida, experiência urbana, pandemia.

## Abstract

### TOWARDS OPEN SPACES

Traversing life, geography and outdoor, in this article, I seek a hermeneutics of open spaces. Positioning geography, anthropology and phenomenology in relation, I aim at the commitment to combine theory with experience to understand the contemporary urban dwelling of open spaces. With Ingold (2015), I add the notion of outdoor to a direction to inhabit the city. In the unison of experience, imagination and fantasy, I project the opening of these spaces as a possibility, as an opening to being and beings, to the multiplicity of existence. Knowing that the process of inhabiting the city has

always been closely linked to one of the countless ways of inhabiting the Earth, it is possible to affirm that the city is not a denial of nature. In a radically inverse sense, the city is, above all, the emergence of the land that we are, especially when lived in open spaces. Opening to the freedom of encountering the unforeseen, with the unexpected, with beings and entities, the outdoor is the gateway to contemplation, celebration, care and attention to the urban experience of otherness.

**Key-words:** outdoors, geography, life, urban experience, pandemic.

## 1. Introdução

Se seus olhos encontraram essas letras e palavras, esses discursos aqui registrados, é porque a Geografia faz parte de sua vida. Ler um periódico semestral do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia indica não apenas que a Geografia faz parte da vida do leitor, mas também, de alguma maneira, que a vida encaminhou esse mesmo leitor para a Geografia. Esse movimento aconteceu contigo, comigo.

Todo pesquisador escolhe um tema, um determinado assunto para dedicar seus estudos. Quando esse tema emana de um determinado fenômeno que envolve diretamente o pesquisador, e esse acolhe a convocação de pesquisar aquilo que o envolve, está configurada uma atitude fenomenológica por excelência.

Em 2014, após ingressar nesse mesmo programa de Pós-Graduação, fui instado a pesquisar a experiência urbana de crianças ao ar livre após a descoberta de um outro que iria me tornar. Nesse mesmo ano, nasceu minha filha primogênita e nasceu um pai. Como sou interessado pelo espaço circundante, espaço de todos nós, me tornei um pai geógrafo. Com a conclusão do doutoramento, algumas direções da tese *Perambular e imaginar: trilhando caminhos entre crianças, experiência urbana e ar livre*, apresentada ao Programa, foram provocadas por integrantes da Banca Examinadora, em especial, os professores Eduardo Marandola Jr. e Angelo Serpa. Decidi seguir suas pegadas, rumando novos caminhos a serem trilhados na pesquisa em Geografia.

Desse modo, no presente artigo, buscarei ampliar a discussão apresentada sobre a noção central da tese: ar livre. Para pensar o ar livre, ao longo deste escrito, peregrinei através do alinhamento entre ideias

geográficas, antropológicas e fenomenológicas, pois, posicionando esses campos do saber em relação, entendo ser possível alcançar o compromisso de ligar as “teorias” à experiência vivida. Acredito que refletir as relações do aberto com o habitar, no sentido de compreender os espaços ao ar livre, pode contribuir para a Geografia ao convidar a pensar o habitar urbano contemporâneo, sobretudo após a atrofia da vida social e da geograficidade, ambas intensificadas pela pandemia de COVID-19. Tenho, no pensamento, o ar livre como um “modo geográfico de existência” (MARANDOLA JR., 2012), por remeter a experiências geográficas que se realizam nas situações cotidianas e carregam em si a marca do espaço vivido (SERPA, 2019). Por isso, para pensar ar livre, evocarei inicialmente o termo vida.

## **2. Vida, Geografia!**

O antropólogo Tim Ingold solicitou a presença dos escritos de Alphonso Lingis para afirmar que “estar vivo é aproveitar a luz, aproveitar o apoio do chão, os caminhos abertos e a fluuabilidade do ar” (INGOLD, 2015, p. 179). Ao estabelecer essa relação, Ingold nos aponta que a vida é vivida no entre céu e terra, ou seja, ao ar livre. Bastam uns passos de uma caminhada, descalços ou calçados, na luminosidade, compartilhando o vento, sentindo o chão de um espaço aberto para concordar com essa assertiva. O ato de respirar, fundamental para todos os organismos vivos, nada mais é do que inspirar e expirar ar, fazendo, materialmente, o fluxo aéreo adentrar em nós. A vida é envolvida pelo ar desde o primeiro ao último suspiro, no espaço aéreo da atmosfera, como nos diz Dardel, “invisível e sempre presente” (DARDEL, 2011, p. 23).

Mas, afinal, o que é a vida? O que é viver? Naturalmente deixamos esses questionamentos sobre os alicerces da existência humana nesse mundo a cargo dos filósofos. Estamos errados? Não creio. Os filósofos não pensam a vida exclusivamente para dentro, no que podemos chamar de hemisfério da vida, do espírito ou da alma. Como diz Spinoza, a alma e o corpo são uma só e a mesma coisa (SPINOZA, 2019). Hannah Arendt também rejeita uma suposta dicotomia de que, para acessar o espírito, é necessário fechar os olhos para o corpo (ARENDRT, 2012). Pensar a vida em

sua integralidade, alicerçada na corporeidade, que jamais negligenciaria essa vida do espírito, do pensamento, justamente por entender que somos o espaço, em corpo e alma, e não apenas estamos nele, é um dos contributos da ciência geográfica em sua abertura para outros modos de conhecer. Pensando com Spinoza e Arendt, é possível afirmar que uma Geografia do corpo é, também, uma Geografia da alma, afinal, a pessoa que sente e pensa o faz com a carne que a compõe e é isso que faz dela um ser sensível e pensante. A Geografia, nesses termos, prospera no engajamento da experiência e da imaginação, superando o pressuposto de que a experiência serve ao corpo e a utilidade da imaginação está direcionada para a alma. Se corpo e alma são sinônimos, o uníssono de experiência, imaginação e fantasia nos abre ao mundo fenomenal, um mundo para o qual estamos vivos e que está vivo para nós.

Considerando os estudos contemporâneos em Geografia, o substantivo feminino vida é comum nas pesquisas desenvolvidas nos horizontes humanistas e fenomenológicos. Surge como vivido, para adjetivar o espaço, sobretudo nos estudos que buscam esses mesmos caminhos e notadamente com a contribuição seminal de Henri Lefebvre. Surge como verbo, viver, para confirmar que “viver é produzir/experienciar espaços” (SERPA, 2019, p. 61), pois ser e estar são condições simultâneas, tal como ser e aparecer.

Hannah Arendt nos convida a pensar a vida como trama, atravessando a exposição do parecer/aparecer. Para ela:

Ao contrário do estar-aí inorgânico da matéria morta, os seres vivos são meras aparências. Estar vivo significa ser possuído por um impulso de autoexposição que responde à própria qualidade de aparecer de cada um. As coisas vivas aparecem em cena como atores em um palco montado para elas. O palco é comum a todos os que estão vivos, mas ele parece diferente para cada espécie e também para cada indivíduo da espécie (ARENDE, 2012, p. 37).

Essa é a natureza fenomênica da vida, na qual o Ser e o Aparecer coincidem. Para certificar a existência, é a aparição que apresenta e atesta a vida do outro. Uma coisa viva, essencialmente, é, na vida cotidiana, para a filosofia ou para as ciências, o intervalo de tempo de sua aparição no entre céu e terra.

Para pensar a vida com Arendt, nesse contexto, é necessário compreender os termos ator e palco exclusivamente como metáforas. Exige

entender as tramas entre papéis teatrais e papéis sociais, ou não teatrais, como distintas. O ator/atriz, diferente do indivíduo, modela uma performance para encarnar um outro, sendo esse outro o personagem, baseado/a em técnicas, a partir de uma elaboração estudada, ensaiada, praticada. O ator/atriz é um/a compositor/a, não um/a reproduzidor/a. O indivíduo que, ou quando, não atua profissionalmente também não é um reproduzidor. Pensando a vida coletiva como um conjunto estruturado em contínua produção de relações e influências recíprocas, é pressuposto imaginar que criamos e recriamos nossas vidas enquanto vivemos, produzindo e assumindo sociabilidades e geograficidades, com a abertura para os seres e para os entes.

Tomando a vida como a passagem do tempo que nos cabe, ela é, muitas vezes, descrita como jornada. O termo jornada evoca uma viagem, por terra, pelo chão, a pé, caminhando, ancorada em fundações sólidas. Se você parar para pensar uma jornada a partir dessa perspectiva, ela sempre acontecerá ao ar livre, atravessando lugares e paisagens. A vida, assim, não é só tempo, mas, também, o espaço simbólico no qual o indivíduo, na condição de peregrino, avança por lugares e paisagens da história pessoal, afinal “a vida é aberta: seu impulso não consiste em alcançar um termo, mas seguir em frente” (INGOLD, 2015, p. 137). Todavia, e obviamente, não fazemos essa vida sozinhos. Fazemos na companhia dos outros. As pessoas, contínua e reciprocamente, trazem uns aos outros à existência, no entrelaçamento de suas exposições, aparições, costurando suas trilhas pessoais e coletivas que se atravessam e se sobrepõem. Esse entrelaçamento é a textura do mundo (INGOLD, 2015). Desse modo, “é por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. Todo modo de vida, portanto, representa uma experiência comunitária acerca de como viver” (INGOLD, 2019, p. 7).

Vida, então, é substantivo e verbo, pois a vida está intrinsecamente ligada ao viver. Agamben, ao pensar a genealogia da palavra vida, concluiu que, para os gregos, havia dois termos distintos semântica e morfologicamente: “*zoè*, que expressava o simples fato de viver, comum a todos seres vivos (animais, homens ou deuses), e *bios*, que significava a forma de viver própria de um indivíduo ou de um grupo” (AGAMBEN, 2017, p. 233). Contudo, ao invés de agregar os dois termos, a ontologia ocidental

adquire e fundamenta-se em uma divisão da vida em uma série de cesuras e limiares, a ideia de *zoè* e *bios* é uma delas, e a de vida individual/familiar e vida coletiva também.

Bachelard nos diz que “é a vida dos outros que traz para a nossa vida os acontecimentos” (BACHELARD, 1988, p. 123). A vida comunitária, do jeito que ela é, nos direciona a pensar o mundo habitado, para além do ocupado, por pessoas e grupos em seus movimentos. No caminho da genealogia, dessa vez do termo *zoè*, Agamben constata “que na cultura ocidental ‘vida’ não é uma noção médico-científica, mas um conceito político-filosófico” (AGAMBEN, 2017, p. 221). Como nos diz Agamben (2017), a ideia de vida na modernidade deveria começar pela revalorização e pela transformação de uma relação lógica numa substância, ou seja, de que a vida é potência e que os processos de viver não são apenas fatos, ao contrário, são, sobretudo, possibilidades de vida.

O ano de 2020 propiciou o evento no qual a sociabilidade e a geografia foram atrofiadas, o mundo se trancou, lugares e paisagens precisaram ser repensados, e foi possível observar, com mais rigor, a maneira pela qual estávamos habitando as cidades. Se a vida é uma questão de decidir como viver, envolve a todo momento possibilidades de espalhamento, em direções das mais diversas, a pandemia da COVID-19 alterou radicalmente o habitar nas cidades, de qualquer tamanho ou dimensão.

Os acontecimentos dessas dezenas de meses de experiência pandêmica, apresentaram perdas, sobretudo perdas de vida, na dimensão biológica e política que, no Brasil, no momento da escrita desse artigo, já ultrapassou 500 mil mortes<sup>1</sup>, marco de uma tragédia sanitária, política e civilizatória. A experiência da morte e da finitude emergiu de um evento, de uma tragédia de elevada magnitude, atingindo e reduzindo os espaços e possibilidades de vida. Assim, a precariedade da existência de que nos fala Marandola Jr. (MARANDOLA JR., 2021), aliada ao confinamento gerado pela pandemia, foram motes para resgatar a reflexão sobre a ideia de ar livre. Como nos diz Serpa, com os “pés” fincados no presente, a Geografia dos espaços vividos é, a um só tempo, retrospectiva e prospectiva (SERPA, 2019). É através dela que buscarei as possibilidades para entender a vida, vivida no aberto, ao ar livre.

### 3. Geografia, ar livre!

Durante o desenvolvimento da pesquisa que culminou na tese do doutoramento, me aproximei da ideia de ar livre. Nas saídas com minha filha, à época com dois e três anos de idade, tratei o caminhar como método. A essa metodologia de abertura para a liberdade do encontro com o imprevisto, com o inesperado, com os seres e com os entes, nomeei de geografia peregrina. Além de método, a geografia peregrina se tornou uma meta, uma ética para a experiência urbana da alteridade.

Nesse encontro, compreendi que a geografia peregrina permite habitar a terra, mesmo na cidade, havendo um sentido espacial inequívoco no caminhar, pois, como experiência, mobiliza todos os sentidos, os de longo alcance espacial – visão e audição, mas, sobretudo, o tato, de alcance espacial mais restrito (VIEIRA, 2021). Husserl, em seu ensaio *Shorter Works*, compreende “o caminhar como a experiência pela qual entendemos nosso corpo em relação ao mundo”<sup>2</sup>. Assim, o fazer fenomenológico está intimamente relacionado com a peregrinação, pois “quando peregrinamos *com* o conhecimento em seus caminhos de movimento, os construímos e a nós mesmos em um processo inacabado, infinito” (VIEIRA, 2021, p. 31) e, também, por essa ação exigir um constante negociar de caminhos percorridos através do mundo.

O itinerário da geografia peregrina permitiu adensar a noção de ar livre a partir de Ingold (2015) em busca de uma direção, de uma maneira de habitar a cidade. Assim, entendi que habitar jamais poderia ser confundido com a ideia de ocupar um espaço, um mundo já construído. Compreendendo desse modo, o processo de habitar a cidade sempre esteve intimamente vinculado a um dos inúmeros modos de habitar a Terra. A cidade não é negação da natureza. Em sentido radicalmente inverso, a cidade é, acima de tudo, emergência da terra que somos. Se não ocupamos um mundo previamente estabelecido, contido dentro das estruturas de um ambiente construído, vivemos em espaços abertos, em um mundo aberto, entre céu e terra.

A ética e a alteridade do olhar infantil é um dos meus repositórios preferidos para fontes de produção do conhecimento. No livro *Deixei o Pum escapar*, o personagem, dono do cachorro Pum, reflete sobre o ar livre da seguinte maneira:

A minha mãe falou que o bom dos parques é que a gente pode passear ao ar livre. E que ar livre era uma coisa rara numa cidade grande como a nossa. Eu não entendi o que ela quis dizer com isso de ar livre porque pra mim todo ar é livre, menos aqueles coitados que ficam presos dentro das bexigas (FRANCO, 2020, p. 6).

Partindo do pensamento do dono do cachorro Pum, é possível tensionar a ideia de espaços abertos e espaços fechados. O chão é o solo. O céu está arqueando caminhos. Sem o limite dos tetos, terra e céu combinados não são fronteiras, mas horizontes. Assim, “viver ao ar livre é combinar sol, vento, chuva, céu, chão, como estar em uma praça, um parque, uma calçada, uma rua, em um pomar de um condomínio” (VIEIRA, 2021, p. 13). Assim, aquele ar que encontra tetos, e paredes, tal como em uma bexiga, deixa de ser livre.

A luminosidade celeste (ou a sua ausência noturna sem luar), o vento, o chão, a umidade, o calor, os fluxos de matéria e as correntes de energia se envolvem ao ar livre. Isso é a Terra fenomênica. O céu deixa de ser o espaço do infinito, dos geômetras ou astrônomos, e a Geografia vivida no chão autoriza uma fenomenologia do ar livre, pois o espaço concreto da Geografia “nos coloca no espaço em nossa dimensão, em um espaço que se dá e responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (DARDEL, 2011, p.26).

Ao ar livre, estamos diante dos fenômenos e de transformações do meio, do fluxo aéreo do tempo atmosférico em que vivemos. Esse tempo é sempre dinâmico e alterna qualidades como luz e sombra, seco e úmido, quente e frio, por exemplo. Sol, chuva, névoa, geada, ventos, trovões, granizo, dentre outros, afetam fundamentalmente a percepção dos espaços abertos, pois são eles que esculpem e erodem as superfícies do chão e alteram, também, a percepção do céu. Como havia constatado no estudo com as crianças ao ar livre da cidade, a posição do céu não é, nem de longe, absoluta (VIEIRA, 2021). Quando andorinhas voando a menos de dez metros do chão são avistadas e uma criança diz “*olha os passarinhos no céu*” percebo que o céu, assim como o chão, “pertence ao fenomenal e não à ordem física da realidade” (INGOLD, 2015, p. 164). Quando afirmamos que seres e entes, habitantes do mundo sublunar, como as aves, os drones, os aviões, as nuvens estão no céu, da mesma maneira que o sol, outras estrelas e planetas visíveis a olho nu estão situados no mundo supralunar, percebemos que o céu habita o mundo fenomenal, em ambos os sentidos possíveis para esse termo em língua portuguesa.



A Terra é uma de nossas raízes, nosso ancestral comum. A palavra raiz é uma metáfora extraída do termo com o qual nomeamos a parte inferior da planta. Essa palavra sugere a estabilidade e a vivacidade de um vegetal. E a Terra é essa entidade estável e viva que não apenas habitamos, mas somos. A Terra é a luminosidade do alvorecer do dia, a nuvem cinza insistente em nos acompanhar, o sopro do vento, a água seguindo seu curso, a rocha pisada por nós, a árvore fornecedora de sombra ou frutos frescos, é o cantar dos pássaros. Todos esses fenômenos, eventos, acontecem, têm sua materialidade e sensorialidade, na cidade. Portanto, não somente a cidade está na Terra como a Terra também está na cidade.

Conduzir a ideia de ar livre exigiu refletir sobre o termo que adjetiva o ar. Livre evoca e é a consagração da liberdade. Todavia, uma das noções mais difundidas de liberdade é a que afirma que a liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro. Essa é uma concepção liberal e, por seu turno, uma concepção individualista de liberdade. Por outro lado, entendo que a liberdade não é uma realização particular se não for coletiva, pois a liberdade individual depende da liberdade dos outros. Essa é uma concepção humanista de liberdade, na qual a minha liberdade é extensão da sua, a sua da minha, a nossa é extensão da de todos os outros. A pandemia nos escancara os limites do liberalismo tanto como prática econômica, quanto como prática moral.

O ar livre é um espaço de liberdade, um espaço aberto. Pensando a abertura, no sentido heideggeriano, essa se torna: abertura como possibilidade, abertura para o ser e para os entes, ou seja, abertura para a multiplicidade da existência.

Não há como dissociar o pensar a abertura do pensar em tempos e espaços pandêmicos. A abertura é passividade, a serenidade, como uma forma especial de sentir as coisas, possibilitando sentir os acontecimentos com transparência. Abertura é, também, ação, no sentido de cuidado. Para Ingold, o cuidado traz consigo a dimensão ética da atenção (INGOLD, 2020). Cuidar é levar os outros a sério, se importar com as pessoas, dando-lhes nossa atenção e respondendo às suas necessidades, pois “o cuidado não implica apenas ouvir o que os outros têm a nos dizer, mas também responder apropriadamente” (INGOLD, 2020, p.49).

Habitar o ar livre, repito, é encontrar-se entre o céu e a terra, entre os mortais, ou melhor, entre os viventes, entre os entes. Viver no aberto é desvelamento e encobrimento, luz e sombra, é aquilo que faz a própria vida pulsar. Contudo, como também não poderia deixar de ser, a abertura é vulnerabilidade e fragilidade, pois é expor-se ao inesperado, é deixar ser e deixar-se ser (MARANDOLA JR., 2021).

As reflexões acerca do ar livre surgem por entender a fenomenologia, tal como Serpa, como uma postura de vida, e uma atitude diante da produção do conhecimento (SERPA, 2019). A busca pela noção de ar livre surgiu por entender que ela poderia ser uma lente de leitura da realidade. Surgindo a partir do movimento da geografia peregrina, das perambulações, o propósito foi corporificar uma noção espacial a partir da experiência, das inúmeras disposições inaugurais que a experiência pode prover, trazendo-a para os chãos das linhas da vida. Aliada e simultaneamente à experiência do peregrinar, surgiram os encontros com os fluxos de pensamento sobre o mundo da vida e a geografia dos espaços abertos.

Há uma outra meta incômoda com a construção e debate acerca do ar livre. Nas palavras iniciais de *Por uma outra globalização*, Milton Santos afirma: “vivemos num mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2012, p. 17). Vinte anos após esse escrito, é possível continuar a pensar com Santos sobre essa confusão do mundo e da percepção. A busca para continuar a pensar a noção de ar livre não se dá por uma busca de uma imagem conceitual clara e absolutamente coerente. Colocando em xeque as “próprias compreensões em um contínuo questionamento sobre o sentido do mundo que, dinâmico, mutante e vivo, está sempre em movimento” (MARANDOLA JR, 2016, p. 452), é possível aprender a aceitar a instabilidade dos conceitos, das noções, das categorias analíticas e, anda assim, encontrar nelas reflexões teóricas acerca do mundo e, tendo conhecimento, se apropriar das instabilidades como recurso e prática. As noções instáveis podem dar conta de compreender um mundo instável e confuso.

Uma das instabilidades da ideia de ar livre é o tensionamento sobre a delimitação do que seriam os espaços abertos e os espaços fechados. Os espaços abertos são sempre públicos? Os espaços fechados, no pensamento por oposição, seriam essencialmente privados? O ar livre não é exclusivo do público ou do privado. Com as contribuições de Ingold e

Dardel, compreendi que o “ar livre se refere mais a uma espécie de topofilia, um lugar que permite sentir a presença da Terra e o afeto por ela, do que com as divisões entre espaços públicos e privados” (VIEIRA, 2021, p. 16).

Uma praça, um parque, uma rua estão ao ar livre, mas as áreas abertas comuns de um condomínio horizontal, ou mesmo um quintal vasto podem estar ao ar livre. A distância do enclausuramento dos muros desses espaços pode ser um indicador para considerá-los ou não ao ar livre. Esses critérios, a serem estabelecidos pelo pesquisador, em sua construção como metodólogo, podem indicar instabilidades, ruídos que não devem deixar de ser enfrentados, mas também não devem se tornar dilemas insolúveis.

Ao estabelecer a geografia peregrina como método e busca pela experiência urbana da alteridade, é possível que enfatize, em meus estudos, os espaços públicos ao ar livre, sobretudo pela possibilidade dos encontros e desencontros com o outro. Acredito na vida comunitária na qual eu me encontro com o outro de idade, classe, raça, gêneros dos mais diversos, para, com o outro, buscar entender esse outro e a mim. Ao adjetivar a vida de comunitária destacamos o termo *comunidade*. Esse termo, em sua etimologia, de acordo com Ingold, agrega os termos “*com*” que significa junto e “*mínus*”, que tem dádiva como significação (INGOLD, 2019). Por isso, a palavra comunidade significa mais que “*viver juntos*”, denota a necessidade de se “*doar juntos*” no toma lá dá cá da vida coletiva terrestre. Os atuais tempos podem ser distópicos, ou parecerem pós-utópicos por aniquilarem a ideia dessa possibilidade.

Como exercício fenomenológico da descrição, faço uso de um breve relato construído em uma saída diurna no outono soteropolitano, recorrendo à experiência para apresentar a ideia de ar livre:

*“Coloco a máscara, atravesso a porta do apartamento e calço meu tênis. Após a mecânica de colocar um pé após o outro, desço a escada e perpasso mais dois portões. Estou na rua. As pernas, pilares do corpo ereto entre o céu e a terra, criam uma cadência e sigo um caminho. A posição não é fixa, está em jogo, me exponho. Cada passo não é estar indo a um destino, ao contrário, a direção são novos começos. Atravesso uma rua na faixa de pedestres após uma longa espera para um automóvel resolver parar, pois não há semáforos acompanhando esse símbolo horizontal para pedestres e motoristas. Já na calçada, um veículo em movimento atravessa uma poça d’água na pista e*

*arremessa água em mim. Inspiro, expiro, respiro, absorvo o mundo a partir do que ele está me ofertando naquele ponto, naquele caminho, mesmo que não seja aquilo que eu desejo. Caminhando a favor do vento, o corpo interage, transpira, ofega mesmo na temperatura agradável típica dos meses de junho. Estímulos sensoriais formam modulações contínuas em meu corpo. Os fluxos da vida, o ar, a sensação de estar vivo, os sons audíveis, a háptica do chão, a óptica do entorno e, simplesmente, o lugar da vida em meio aos fenômenos, aos fluxos substanciais e aéreos, do chão e do ar, nos instantes nos quais a existência acontece, se misturam a mim e a todos que naquele espaço estão. Paro. Sinto o aberto. Está úmido. Ocultei de vocês no início dessa descrição, mas, logo após me calçar, havia carregado minha filha de um ano no colo. Com ela estou. Algumas pessoas, sobretudo as mais velhas, interagem, mais com ela do que comigo. É dia, mas a lua desponta do anil celeste e ela aponta, mostrando um objeto situado no espaço sideral e visível a olho nu. Essa é a liberdade incorporada ao habitar ao ar livre, uma espécie de geografia coletiva manifestada com a Terra, a fonte de nosso existir. É através dela que se dá a apresentação da objetividade e da subjetividade de um existente bruto. Fomos conduzidos ao mundo. Um mundo generoso. O único que habitamos e que podemos habitar”.*

#### **4. Ar livre, vida!**

Em seu ensaio *Sociedade do Cansaço*, Han descreve como o Ocidente está se tornando uma sociedade do cansaço (HAN, 2018). Para ele, a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, a que Foucault diagnosticou. Nós somos a sociedade do desempenho, do sujeito cada vez mais rápido e produtivo. Desse modo, o sujeito da obediência da sociedade disciplinar transmuta-se em sujeito do desempenho na atual sociedade. Se na sociedade disciplinar de Foucault os espaços emblemáticos eram asilos, hospitais, presídios, fábricas e quartéis, a sociedade do desempenho se desenvolve nas academias de *fitness*, nos aeroportos, bancos, *shoppings centers*, laboratórios de genética. Interessante observar o movimento do pensamento e da descrição da sociedade executada por Han e notar que ambas as sociedades, da disciplina e do desempenho, estão localizadas em um mesmo tipo de espaço: os fechados. Vivemos entre paredes e tetos.

Essa constatação nos diz que os corpos não se encontram mais no mundo, a partir do momento em que estão confinados em carros e edifícios, seja na ansiedade produtiva, ou mesmo nos tempos de lazer: eles estão em movimento apenas para apoteose da velocidade produtiva e de seu rejeito, o consumo. É um corpo que não se move, ao contrário, ele é movido. Elevadores, escadas rolantes são alguns dos exemplos. Para Solnit “o mundo não está mais na mesma escala de nossos corpos, mas na das máquinas, e muita gente precisa – ou acha que precisa – das máquinas para percorrer esse espaço na velocidade adequada” (SOLNIT, 2016, p. 427).

O uso recreativo dos *shoppings centers* nos tempos livres é uma realidade. Outra realidade é a reprodução, em espaços fechados, de atividades antes executadas cotidianamente em espaços abertos. As academias *fitness* são espaços fechados que simulam algumas das atividades mais comuns que podemos realizar ao ar livre. As ruas, os parques, o chão dos espaços abertos estão disponíveis, mas as pessoas estão na esteira a caminhar sem sair do lugar, indo do nada ao lugar nenhum. Galeano, em seu estilo único de escrita, descreve assim, em um ensaio denominado *Alienação*, a surpresa de pescadores da República Dominicana ao observarem o anúncio de uma máquina de remar:

*-Dentro de casa? Se usa dentro de casa?*

*Os pescadores não conseguiam acreditar.*

*-Sem água? Rema-se assim, sem água?*

*Não podiam acreditar, não podiam entender:*

*E sem peixes? Sem sol? E sem céu? (...)*

Então Alastair explicou-lhes que a máquina de remar servia para fazer ginástica.

*-Pra quê?*

*-Ginástica.*

*-Ah, bom. E o que é ginástica? (GALEANO, 2018 p. 160-161, grifos do autor).*

Esse corpo urbano passivo não é possível de ser universalizado. Diferenças étnicas, etárias, de gênero, de classe social, e interseccionais entre elas, desempenham importante papel no corpo, na consciência, inclusive, da experiência ou in experiência desse corpo no espaço urbano. Entretanto, a forma de produção capitalista da cidade está centrada na produção do trabalho, do consumo e na segurança, direcionando as pessoas ao confinamento dos espaços fechados. A insegurança é um dos problemas sociais mais intensos nas cidades brasileiras. O apartamento de uma pessoa em uma torre residencial de um condomínio, localizado num bairro de classe média, rejeita a insegurança com os muros. Andando por bairros populares a paisagem anuncia as casas gradeadas nas quais as pessoas buscam proteger minimamente a sua residência do perigo contínuo de uma invasão indesejada. A maneira como produzimos a cidade nos leva ao controle, ao confinamento.

Além do trabalho e da segurança, o contexto pandêmico encontrou terra firme no Brasil e nos fez rumar mais ainda para a vivência em espaços fechados, reduzindo drasticamente a experiência ao ar livre. Parques urbanos fechados, ruas e praças vazias. O medo da contaminação diminuía o acesso aos espaços abertos. Entretanto, na medida em que o vírus do SARS-CoV2 e sua transmissão foram objeto de pesquisas, algumas conclusões foram fundamentais para compreender que os riscos de contaminação em espaços fechados são mais elevados quando comparados com os espaços abertos.

A principal fonte de disseminação do vírus é o ar, por isso, o uso de cobertura facial através das máscaras se tornou obrigatório em espaços fechados e abertos. Entretanto, no comparativo entre espaços abertos e fechados, o risco de transmissão de vírus em locais ao ar livre tem sido menor do que em espaços internos. Em alguns países, uma das primeiras diretrizes dos órgãos de controle após as pessoas encerrarem o ciclo de vacinação foi a liberação do uso de máscaras em espaços abertos, desde que não houvesse aglomerações de grandes eventos, como shows musicais.

Segundo estudos realizados, em áreas com baixa ventilação, como os espaços fechados, as gotículas de aerossóis possuem a capacidade de permanecer por mais tempo antes de serem inaladas ou caírem em uma superfície, o que poderia resultar em transmissão (KANZAWA et al. 2020). Ainda em ambientes fechados, a baixa umidade, o ar reciclado dos aparelhos

de ar-condicionado e a baixa quantidade de raios UV podem contribuir para uma maior sobrevivência de partículas virais. Já os espaços ao ar livre permitem o fluxo de ar, ou seja, possuem uma ventilação que minimiza o risco teórico de transmissão de aerossol através de gotículas respiratórias menores. Ambientes ao ar livre também, geralmente, têm menos superfícies de alto toque que podem abrigar o vírus, além disso, os raios UV da luz solar, presentes ao ar livre, contribuem para uma redução de dez vezes na sobrevivência do vírus nas superfícies (KANZAWA et al. 2020).

Dessa maneira, os elementos ligados à *physis* do ar livre são fundamentais para diminuir as chances de contágio. Luminosidade celeste, vento, umidade... O entre o céu e terra se mostrou um importante espaço para a redução do confinamento das pessoas que puderam colocar em prática uma quarentena efetiva. Como tenho saído regularmente ao ar livre, desde o nascimento da primeira filha, há sete anos, foi possível notar que as praças, os parques (quando esses estiveram abertos) foram mais habitados do que eram antes da pandemia. Realizações ao ar livre de piqueniques, aniversários infantis, pequenos encontros religiosos, atividades físicas orientadas foram alguns dos eventos nos quais observei o acréscimo da circulação de pessoas em minhas andanças por bairros de classe média e populares de Salvador, em comparação com o período anterior ao da pandemia de COVID-19. Essa observação nos espaços abertos se deu, sobretudo, quando os espaços fechados, dos *shoppings centers* e academias *fitness*, estavam sem funcionamento devido às restrições impostas para o controle da pandemia pelos órgãos públicos, municipais e estaduais. É importante lembrar com Serpa que os parques públicos são instrumentos de valorização fundiária na cidade contemporânea (SERPA, 2007) e estudos sobre os comportamentos no período pós-pandemia serão fundamentais para o entendimento dessa dinâmica urbana.

Além do movimento em direção ao ar livre nos espaços públicos da cidade, foi possível observar, também, a busca por residências onde o ar livre estivesse presente no ambiente privado. Em uma reportagem denominada *A Diáspora da Classe A*, divulgada pela revista semanal *Época*<sup>3</sup>, relatos de corretores, empresários do ramo imobiliário e de compradores de imóveis apontam para a fuga das famílias abastadas das metrópoles brasileiras. Relatos, dados sobre recolhimento de impostos, sobre transmissões

de bens imóveis e de vendas de imóveis demonstram que, em estados brasileiros, dentre esses São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, houve migração de famílias das capitais para cidades menores como Valinhos, Petrópolis, Camaçari e Gramado. A disponibilidade de espaços abertos também é instrumento de valorização da terra. Em condomínios horizontais, as áreas ao ar livre podem ser de uso comum dos condôminos, ou ainda, de uso particular nas próprias residências.

Em uníssono, os relatos das famílias abordam a busca da chamada qualidade de vida como fundamental para a mudança e um dos indicadores dessa vida em qualidade é a presença, na residência, ou nos bosques dos condomínios horizontais, de ar livre. O sócio de uma empresa imobiliária relatou na matéria o seguinte: *“Acho que as pessoas concluíram que ficar em isolamento dentro de um apartamento é complicado, monótono. Então, passaram a procurar lugares para morar com um gramado, onde dá pra ver o céu, com menos gente”*. O confinamento em espaços entre paredes direciona a procura pelo acesso exclusivo ao entre céu e terra, validando, no discurso e na prática, a autoss segregação para a consolidação de uma vida de negação do urbano, exclusivista e individualista. A cultura da proteção, no contexto pandêmico, surge, não apenas no sentido de segurança pública, mas também sanitária, proporcionando uma vida cada vez mais vivida em bolhas isoladas. O não convívio ou uma vida escondida é um ato de negação do urbano por excelência, pois interrompe o encontro com o outro. Para estes, não basta ter acesso, é preciso possuir o ar livre, como um bem que se adquire por intermédio de escritura, caracterizando, assim, o abandono de uma ética da alteridade. Desse modo, habitar ao ar livre não pode ser apenas um modo de ação individual, mas um modo de pensamento e ação que convirja para estabelecer o diálogo com a vida, com a vida dos outros.

A vida ao ar livre é habitação em sua plenitude somente quando vivida com os outros, e esse outro é, por princípio, aquele que me observa, como nos disse Sartre (SARTRE, 2005). Se considerarmos que a habitação não é a ocupação de estruturas já construídas, ao contrário, significa a imersão dos seres nas correntes do mundo da vida, podemos afirmar que ela se dá quando há o entrelaçamento de trajetórias, de jornadas, com outras pessoas, essa é a textura do mundo coletivo. Estar ao ar livre não é apenas facticidade, precisa ser também, sensibilidade.



## 5. Em direção aos espaços abertos

Em seu livro *A preparação do ator*, Stanislavski relata as aulas com o diretor Torstov. Em um dado momento, ele descreve a fala de Torstov sobre o fato de os pintores precisarem de imaginação e fantasia em seu devir artístico. Após essa fala, relata a pergunta de um colega sobre qual seria a diferença entre os dois, fantasia e imaginação, e Torstov assim responde:

A imaginação cria coisas que podem existir ou acontecer, ao passo que a fantasia inventa coisas que não existem, nunca existiram nem existirão. E, no entanto, quem sabe talvez um dia elas passem a existir. Quando a fantasia criou o tapete mágico, quem iria pensar que nós um dia estaríamos voando através do espaço? Tanto a fantasia quanto a imaginação são indispensáveis para o pintor (STANISLAVSKI, 2015, p. 85).

O fenômeno se abre para a compreensão através da experiência de sua manifestação, e é preciso compreender que a experiência revela e não revela. Já a imaginação não significa representar as coisas, mas estar presente quando elas aparecem. E a fantasia é essa coisa inalcançável que, por vezes, desafia a lógica, e torna o inatingível em algo tangível. A tríade experiência, imaginação e fantasia posiciona a Geografia, particular e coletiva, a assumir feições existencialistas, inclinando-se para projetar mundos possíveis e, por que não, utopias. Posiciona também a Geografia, a princípio, para superar a atrofia do mundo vivido em seus conceitos rígidos e pesquisas, firmando-a para se integrar com o mundo, em vez de atribuir-se poderes exclusivos para explicá-lo. O fazer científico também pode ser experimental e aberto à especulação.

Se a vida é esse processo de se descobrir como viver, como nos diz Ingold (INGOLD, 2019), experienciar o entre céu e terra tonifica a geografia, e se torna um ato, ou melhor, uma dramaturgia, para ser vivida no cotidiano da cidade. Como nos diz Brito, para criar um personagem “é preciso sair do conforto do lar e deixar o corpo encontrar o seu lugar de observação, de percepção de mundo” (BRITO, 2017 p. 51). O habitar urbano contemporâneo, em um período pós-pandêmico, se encontra com uma chance de forjar alternativas ao problema de como viver, conhecer e habitar o mundo. E habitar o mundo significa “estar envolvido e ser inerente a ele, de forma alquímica, em mistura” (MARANDOLA JR, 2021, p. 128).

Para Ingold, em uma ontologia anímica, se faz inconcebível a ideia de que a vida ocorra sobre a superfície animada de um mundo pronto (INGOLD, 2015). Desse modo, os vivos, nessa ontologia, fazem o seu caminho através de um mundo nascente. Essa experiência de abertura que o ar livre proporciona, com seus fluxos de matéria e correntes de energia que atravessam o mundo, pode superar a experiência de mundo mais voltada para si do que para o mundo.

Por mais que faça uma reverência ao ar livre, a lógica do pensamento desse escrito é de coalizão, não de oposição dicotômica. Precisamos dos espaços fechados. Os espaços fechados, sobretudo a casa, são espaços que evocam proteção, acolhimento, conforto e identificação pessoal. A casa é a moradia, “é o nosso canto no mundo” (BACHELARD, 1972, p. 22), entretanto os registros discursivos e evocativos não traduzem a realidade de muitos que não dispõem de condições mínimas de habitabilidade, ou ainda sofrem violência em suas residências, sobretudo mulheres, crianças e idosos.

Todavia, a crítica aos espaços entre muros e tetos desenvolvida nesse escrito se situa em outro caminho argumentativo: o excesso de tempo em que nos dedicamos a estar presente nos espaços fechados, seja em nossas casas, trabalhos, ou mesmo lazeres e outras atividades direcionadas. A pandemia de COVID-19 reduziu ainda mais, para muitos, a experiência de cidade à experiência da casa e, por vezes, questionei se, de fato, o confinamento doméstico me proporcionava alguma experiência de cidade.

Se resgatarmos a função da casa, veremos que ela é abrigo e a proteção fornecida por ela deveria proteger das intempéries naturais ou das más intenções de quem quer invadir a residência à força, mas também ofertar uma proteção psíquica e emocional. A casa é um espaço circunscrito, destinado ao morar.

Um dos sinônimos para a palavra casa é lar. Em seu sentido etimológico, lar designava o espírito tutelar incumbido de proteger a casa. Lar também era o local onde se acendia o fogo na cozinha, daí surgiu o termo lareira. Como as palavras são estáveis e vivas, lar passou a designar toda a casa habitada. Todavia, lar não é um sinônimo absoluto para a palavra casa, pois o universo linguístico é, também, um universo artístico. As palavras modelam analogias e afinidades entre diversas escalas. Lar é um espaço pensado, sentido e habitado e, por extensão, também é um dos sinônimos

de pátria, assumindo, assim, dimensões para além do espacial, como dimensões afetivas. Em outras palavras, o lar adota dimensões topofílicas. A Terra, da geograficidade de que nos fala Dardel, é um lar. Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de lar.

Da maneira como nos relacionamos coletivamente com os espaços abertos, há uma redução ao pensarmos e agirmos baseados na ideia de que o lá fora do entre paredes e tetos é uma negação do lar. O ar livre é um lar que faz fantasiar com a ética urbana da alteridade. Esse é o nosso tapete mágico.

O tempo da celebração foi suprimido pelo tempo do trabalho, é o que afirma Han (HAN, 2018). Para ele, o tempo de celebração, da vida contemplativa, se situa no umbral do aceleracionismo cotidiano com a desaceleração. Ora, aceleramos no trabalho, no caminho para o trabalho, no corpo trabalhado, e desaceleramos em casa. Para alguns, o *home office*, o *homescholling* e todos esses *homes* potencializados pelo confinamento necessário hibridizaram a casa e os corpos nesse tempo de aceleração e desaceleração. É necessária uma coalizão da aceleração com a desaceleração. E onde se localiza esse umbral do tempo da contemplação, da celebração, do demorar-se? A contemplação é passividade, no sentido de serenidade, mas também é uma ação, com o cuidado para celebrar a vida. Sem dúvida, esse umbral não está situado em nenhum local confinado, armazenado. Ouso dizer: está ao ar livre.

## Notas

- <sup>1</sup> No momento da escrita desse artigo mais de 584 mil mortes foram causadas pela pandemia da COVID-19 no país.
- <sup>2</sup> Citado por Solnit (2016, p. 55-56).
- <sup>3</sup> Ver <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/a-fuga-da-classe-para-interior-1-24889132>. Acesso em 12 de Setembro de 2021.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017. 327 p.
- ARENDT, Hannah. **A Vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 544 p.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972. 176 p.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p.
- BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: Edufba, 2017. 208 p.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.
- FRANCO, Blandina. **Deixei o Pum escapar**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020. 40 p.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LP&M, 2018. 272 p.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2018. 128 p.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes 2015. 390 p.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis: Vozes, 2019. 79 p.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020. 124 p.
- KANZAWA, Mia; SPINDLER, Hilary; ANGLEMEYER, Andrew; RUTHEFORD, George. Will coronavirus disease 2019 become seasonal? **The Journal of Infectious Diseases**, v. 222, n. 5, p. 719-721, set. 2020.
- MARANDOLA JR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.
- \_\_\_\_\_. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Charlei Aparecido da; SANT'ANNA NETO, João Lima; MELAZZO, Everaldo Santos (Org.). **A diversidade da geografia brasileira**: escalas e dimensões de análise. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 451-466.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 153 p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2005. 784 p.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 208 p.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019. 124 p.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 509 p.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Lebooks Editora, 2019. 242p.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 365 p.

VIEIRA, Leandro Pessoa. **Perambular ao ar livre**: experienciando a cidade com crianças. Salvador: Edufba, 2021. 210 p.

Recebido em: 27/01/2021

Aceito em: 02/03/2021

